

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOSÉ NASCIMENTO: NEM VERDADE, NEM MENTIRA
4 de outubro de 2024

...PELA RAZÃO QUE TÊM... / 1976

Um filme de JOSÉ NASCIMENTO

Realização: José Nascimento / *Direção de fotografia:* Vítor Estêvão, Alexandre Gonçalves / *Montagem:* Monique Rutler [como Monique Bairrão], José Nascimento / *Som:* Carlos Alberto Lopes, José Gonçalves / *Canções:* Sérgio Godinho, "Em frente com a Organização Popular" e Zeca Afonso, "Chula da Póvoa" / *Imagens de Rio Maior:* Arquivo RTP / *Com:* Trabalhadores da Cooperativa de Quebradas.

Produção: Cinequipa, com a participação financeira do Instituto Português de Cinema / *Direção de produção:* João Aboim e Américo Freitas / *Cópia:* DCP (a partir de digitalização de materiais em 16mm), preto e branco, falada em português / *Duração:* 40 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca:* 13 de abril de 1984 (25 de Abril – Imagens)

ECRAN: "MÚSICA NO CINEMA" / 1981

Um filme de AUGUSTO M. SEABRA e JOSÉ NASCIMENTO

Coordenação: Augusto M. Seabra [creditado como Augusto Seabra] e José Nascimento / *Realização e montagem:* José Nascimento (não creditada) / *Argumento:* Augusto M. Seabra (não creditado) / *Imagem:* João Abel Aboim / *Som:* Carlos Alberto Lopes / *Com:* Sérgio Godinho, Constança Capdeville, Carlos Paredes, Rui Cardoso.

Uma coprodução: ECRAN/RTP – subdepartamento de filmes, séries e documentários / *Produtor pela RTP:* José Manuel Alves da Silva / *Produção executiva:* Miguel Cardoso / *Cópia:* RTP Arquivos, digital, cor, falada em português / *Duração:* 25 minutos / *Primeira emissão televisiva:* 22 de agosto de 1981, RTP 1 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Duração total da sessão: 65 minutos

... PELA RAZÃO QUE TÊM...

... **Pela Razão que Têm...** é um filme de média-metragem da autoria de José Nascimento que foi produzido pela Cinequipa, uma das mais importantes cooperativas portuguesas criada após o 25 de Abril de 1974. Não pertencendo a nenhuma das séries que a Cinequipa realizou para a RTP nesse período, como *Nome Mulher* ou *Ver e Pensar*, é um título cuja mais longa duração, e mesmo a sua assinatura (grande parte dos filmes da Cinequipa eram assinados colectivamente), denota uma maior ambição.

Crónica da ocupação de terras em Quebradas, **Pela Razão que Têm** participa de uma deslocação das equipas de filmagem das zonas urbanas para os campos, que assim procuravam retratar o processo revolucionário em curso, o PREC, nas regiões rurais. A ocupação de terras foi extremamente forte na região do Alentejo, atravessada pelos seus vastos latifúndios, pelo que é uma zona muito retratada nos filmes das cooperativas deste período, mas uma das primeiras ocupações foi a de Quebradas que, como é dito no filme, se apresenta como uma zona marcada pela divisão entre os minifúndios do Norte e os latifúndios do Sul. O povo de Quebradas alegava que as terras que arrendavam lhes haviam sido roubadas por uma expropriação desleal, pelo que depois da Revolução procederam à sua ocupação e organizaram-se numa estrutura cooperativa.

José Nascimento filma vários episódios da sua luta antiga recorrendo a imagens de arquivo, mas também a uma encenação de factos passados, o que confere ao filme – essencialmente documental – os contornos de uma ficção. Abrindo com uma sequência muito bonita em que o vento atravessa os campos, num primeiro momento o filme concentra-se numa discussão encenada entre Félix da Costa (o proprietário que expulsou os rendeiros da "terra que desbravaram" algum tempo antes de 1974) e esses mesmos rendeiros. Momento assumidamente teatral, tanto pela disposição assimétrica das personagens (a personagem de Félix da Costa encontra-se inicialmente de costas e num plano superior), como pelo modo como este se vira para a câmara revelando o seu ponto de vista.

José Nascimento confronta esta ingénua encenação com outras visões dos acontecimentos, que se acumulam ao longo do filme. Entre um discurso directo e a sua convocação para o *off*, são as vozes dos trabalhadores que indiciam como a organização já não é a mesma e como às pequenas parcelas individuais se sucede uma estrutura cooperativa. Sobre a inscrição mural "a terra a quem a trabalha" e a acompanhar imagens do trabalho colectivo nos campos ouve-se a música de Sérgio Godinho, que assim participa na narrativa desta organização popular. A um cinema de intervenção corresponde uma música de intervenção, pelo que é de salutar a confluência entre vários níveis discursivos e diferentes linguagens que se inscreve **Pela Razão que Têm...**

São muitos os momentos fortes e comoventes que manifestam toda a sua evidência documental. Como no filme seguinte da sessão, uma mulher fala directamente para a câmara sobre os contrastes entre as duras condições de vida daqueles que trabalham nos campos e o quotidiano da burguesia. Entre os "cooperantes" que a escutam, uns aplaudem no final, mas outros são surpreendidos com as lágrimas nos olhos. Reconstituindo novamente os eventos passados, os "ocupantes" vão-nos dando conta das suas preocupações perante o golpe de 25 de Novembro e a sua luta contra a CAP, que os procura demover. Deste modo, para lá de se centrar na união dos cooperantes, o filme retrata ainda as contradições deste período e os esforços de todos aqueles que procuram "enfraquecer os trabalhadores na luta que travam pela razão que têm...".

Joana Ascenção

ECRAN: "MÚSICA NO CINEMA"

Ao longo do ano de 1981, entre junho e outubro, Augusto M. Seabra e José Nascimento desenvolveram um *magazine* de cinema com periodicidade quinzenal. Esse programa, de seu nome *ECRAN* (assim mesmo, à francesa, em maiúsculas, sem acento – *comme il faut*), tinha um triplo objetivo: acompanhar as estreias comerciais, destacar programações do circuito alternativo (abordava reposições, dava atenção a ciclos na Cinemateca ou noutras instituições culturais, e acompanhava a programação de festivais nacionais como o Festival da Figueira da Foz) e produzir uma reflexão sobre a situação do cinema português e das suas políticas culturais. Aliás, em apenas onze programas, vários deles dedicaram uma especial atenção às questões da produção, da revelação (um programa parcialmente dedicado aos laboratórios da Tobis), da distribuição e da exibição de cinema (em sala e na televisão) no nosso país. Programas esses que tinham um vincado posicionamento setorial, onde se defendiam medidas específicas de revisão da Lei do Cinema – então (como sempre) em discussão. O programa, de curta duração, terminou porque Seabra e Nascimento não quiseram deixar de saudar os 50 anos de carreira de Manoel de Oliveira que, nesse ano, terminava a sua obra-prima, **Francisca** (meio século depois da estreia de **Douro, Faina Fluvial**). Este episódio "especial", realizado à revelia e extra-contrato, marcaria o fim do programa, por ser entendido como um desafio à autoridade da Direção de Programas da RTP.

ECRAN surge na sequência de um projeto anterior de Nascimento, igualmente para a televisão, a série *Binário*, construída em parceria com a Juventude Musical Portuguesa. Foi aí que o realizador conheceu o crítico Augusto M. Seabra – que então dava ainda os primeiros passos na imprensa cultural. Como explicou, em entrevista (que integrará o catálogo que a Cinemateca lhe dedicará em breve), "Entre conversas surge a ideia de se propor um *magazine* de cinema à televisão, até porque nessa altura a RTP não tinha nada sobre cinema ou sobre as estreias em Portugal. A ideia base era ir às distribuidoras, pegar nos *trailers* dos filmes que tinham estreado ou que iam estrear em breve e fazer uma montagem dessas imagens em articulação com os textos que o Augusto escrevia. Era um processo muito dinâmico, em que a escrita do Augusto influenciava a minha montagem e a minha montagem influenciava o texto dele. Daí resultou um *magazine* muito dinâmico."

Porém, o interesse particular do presente episódio da série – a que atribuímos o título "Música no Cinema", já que nenhum dos episódios tem título próprio – resulta daquilo que ele revela do percurso profissional de José Nascimento, na relação com o uso das canções de intervenção nos seus "filmes militantes" feitos com a Cinequipa – nomeadamente **Pela Razão que Têm**. Após uma primeira parte, composta por uma remontagem de *trailers* e que aproveita a coincidência de, nesse Verão de 1981, estrear comercialmente **All That Jazz** (1979, Bob Fosse) e ser reposto em sala **West Side Story** (1961, Jerome Robbins e Robert Wise), o episódio apresenta uma segunda parte, dedicada à música e bandas-sonoras para cinema feitas em Portugal. O conjunto de pessoas entrevistadas é bastante revelador do círculo de amizades que sempre definiu a malha do cinema de autor no nosso país.

Pois veja-se: Sérgio Godinho, que aparece a falar das músicas que escreveu e compôs para **Kilas, o Mau da Fita** (1980, José Fonseca e Costa), já havia sido "objeto" de um episódio do *Binário*, realizado por Nascimento, e seria o autor da canção original – *Dor d'Alma* – que, pouco depois, surgiria na primeira longa do realizador, **Repórter X** (1986); Constança Capdeville, que explica a sua participação musical em **Cerromaior** (1980,) era uma das autoras da série *Binário*, e o referido filme de Luís Filipe Rocha havia sido montado por... José Nascimento; já Rui Cardoso, que compunha as bandas-sonoras para os filmes de José de Sá Caetano, aparecia a explicar a natureza do seu trabalho em **As Ruínas no Interior** (1977) e **Um S Marginal** (1980-81), sendo que, poucos anos depois, seria Nascimento o montador de... **Azul, Azul** (1982-86), o derradeiro filme de Sá Caetano.

Serve isto para evidenciar as malhas com que se cose um cinema de produção eminentemente artesanal – o cinema português – onde as redes de camaradagem e colaboração fazem (e desfazem) um autor e a sua obra.

Ricardo Vieira Lisboa